



BRASÍLIA-DF

por **Denise Rothenburg** » deniserothenburg.df@dabr.com.br



Não contem com ele

Escolhido para presidir a CPI, o senador Omar Aziz (PSD-AM) já avisou, a quem interessar possa, que o MDB tem a prerrogativa de indicar o relator, e o nome que for apresentado pelo líder do partido, Eduardo Braga, será nomeado para o cargo.

Onde está o perigo

O maior receio, hoje, do governo dentro da CPI da Covid é, já nos primeiros depoimentos, o presidente Jair Bolsonaro se ver emparedado pelo ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello, que, ao lado do chefe do Executivo, dizia que, ali, “um manda, outro obedece”. Nesse sentido, da parte do governo federal, será debitado na conta de Bolsonaro.

Toma que o filho é teu

Os aliados do Planalto estão se preparando para tentar jogar as mazelas da covid no colo dos governadores. Porém está difícil. Afinal, a compra de vacinas, por exemplo, é de responsabilidade do governo federal, dentro do programa de imunização.



Biden está demonstrando que governar é um trabalho de equipe, que se faz com paciência, sem medo.

Os fantasmas deixados por Trump vão morrendo de susto. O único que resta é Trump, que vai se desfazendo no vento”

Do ex-presidente José Sarney, ao analisar esses primeiros meses de governo do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden



G O M E Z

Governo repete estratégia contra Renan

O governo tenta forçar o adiamento da instalação da CPI da Covid para, em campanha via redes sociais, tentar constranger os senadores e evitar a nomeação de Renan Calheiros (MDB-AL) para relator do colegiado. Esse mesmo recurso foi usado em 2019, quando os bolsonaristas de Davi Alcolumbre começaram um movimento em todas as redes sociais, a fim de evitar a eleição de Renan para a Presidência da Casa.

Em conversas reservadas, senadores aliados ao Planalto já alertaram que esse “remédio” perdeu o efeito. O governo entrou tarde na articulação política dentro da CPI e, até agora, sequer buscou os integrantes do colegiado para organizar o seu jogo. Vai apostar nas redes sociais num momento em que a lógica é interna do MDB, o partido a quem cabe a indicação do relator.

CURTIDAS

Marcos Corrêa/PR



Flávia passa de fase/ Líderes de partidos aliados ao governo consideraram o acordo para sanção do Orçamento uma vitória da ministra da Secretaria de Governo, Flávia Arruda (foto). Porém, para ter sucesso no cargo ela precisa, agora, garantir a liberação dos recursos decorrentes desse acordo.

Próximo desafio/ A ministra terá de conciliar, agora, dois serviços: atender o Orçamento de 2021 e, de quebra, liberar os restos a pagar de anos anteriores, cobrados pelos políticos para atender suas bases eleitorais. Não será fácil, porque o caixa de onde saem os recursos para essas duas demandas é o mesmo.

Novo estilo/ A ministra está disposta a mostrar aos deputados que não está no governo a passeio. Ontem, por exemplo, foi acompanhar in loco a votação dos vetos. A presença dela no Congresso será uma constante.

Enquanto isso, no DEM.../ O líder na Câmara, Efraim Filho, quer distância da briga entre Rodrigo Maia e Arthur Lira. Eles que se entendam.

...A onda é me inclua fora dessa/ O senador Marcos Rogério (RO) avisa que ficará como vice-líder do governo, pelo menos, por enquanto. No partido, porém, há uma vontade de que ele deixe a função para ter mais liberdade de ação. Afinal, nos tempos de PFL, o DEM foi da “tropa de choque” de Fernando Collor. Não quer repetir a dose.

PODER / Em meio ao avanço do novo coronavírus, ao fechamento de templos e às investidas da oposição no eleitorado, presidente recebe líderes de igrejas, com o objetivo de tentar manter o apoio entre fiéis da religião, que conta com cerca de 60 milhões de adeptos

Bolsonaro foca em evangélicos

» RENATO SOUZA

Numa agenda frenética com lideranças evangélicas, o presidente Jair Bolsonaro trabalha para não perder apoio, nas igrejas, à reeleição em 2022. Ontem, ele reuniu-se com os pastores Silas Malafaia, presidente do Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil (Cimeb), e Fábio Sousa, da Igreja Fonte da Vida.

O entrave no caminho do chefe do Executivo é o avanço da pandemia, que tem provocado o fechamento de templos. A disseminação do vírus no meio religioso e a perda de vidas entre fiéis e pastores geram forte impacto no respaldo político ao governo.

Ao mesmo tempo, o Planalto vê o PT, com foco no pleito do ano que vem, e partidos do Centrão iniciarem uma cruzada em meio às lideranças evangélicas. A disputa é por uma grande fatia do eleitorado. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), em 2010, havia 42,3 milhões de evangélicos. Como a religião está em franco crescimento no Brasil, hoje já seriam mais de 60 milhões de fiéis.

Ao contrário da Igreja Católica, os evangélicos não têm uma liderança única, muito menos entidade ou grupo em nível nacional com influência sobre todas as vertentes — há diversas subdivisões, muitos templos independentes, que não atuam em coligações ou associações.

As declarações de Bolsonaro contra o uso de máscaras, o distanciamento social e as demais medidas sanitárias são vistas como uma desvalorização da vida da população, o que desagrada a fiéis e pastores. Nos cultos, pastores e bispos têm destacado a importância do uso de álcool em gel

e medição de temperatura, além de manter distância dentro e fora dos templos para evitar a propagação da doença.

O pastor Josimar Francisco da Silva, presidente do Conselho de Pastores Evangélicos do Distrito Federal (Copev), afirmou que a igreja tenta se manter longe da política. “Os evangélicos oram muito por ele (Bolsonaro), não sei por quê. Quando houve essa mudança de governo, a igreja estava sendo muito perseguida pela esquerda... Nós tentamos manter distância da política”, frisou. “Não é pelo presidente que oramos, é pelo país, pela estabilidade. Já oramos pelo ex-presidente Lula, pelo Temer, que representam os rumos do Brasil.”

Ele destacou que Bolsonaro é a favor de pautas em comum com a igreja evangélica, mas que não existe apoio irrestrito. “Ele defende muito a liberdade religiosa, o que já é uma grande coisa, mas não estamos ligados à pessoa do Bolsonaro, mas, sim, à figura de presidente da República. Estamos tomando nossos cuidados, usando máscaras, independentemente do que o presidente diz”, assegurou. “Respeitamos os decretos dos estados e atuamos seja presencial seja a distância. A igreja é independente, apesar de muitos líderes serem próximos de políticos.”

Mestre e doutoranda em teologia pela Escola Superior de Teologia do Rio Grande do Sul, Denise Santana enfatizou que pastores das grandes igrejas não falam por todo o segmento. “Os dois pastores que se encontraram com Bolsonaro falam em nome deles, respondem pela igreja deles, e não em nome de todo o segmento evangélico do Brasil, que é muito fragmentado. Ele tem um amplo apoio, mas não é de 100%”, disse.

Isac Nobrega/PR



O presidente com Malafaia, presidente do Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil

» Escolha de partido

O presidente Jair Bolsonaro disse, ontem, que deve escolher um novo partido até o fim deste mês, já que o Aliança pelo Brasil, a legenda que tenta criar, não deve sair do papel até as eleições do ano que vem. “Para o Aliança é muito pequena a chance. Já estou atrasado, e não tem outro partido. Espero que, este mês, eu resolva”, afirmou. “Abril tá bom. O duro foi quando me candidatei em fevereiro, março, né, em cima da hora.” Ele também comentou sobre a possibilidade de voto impresso. “Eu tenho esperança de que, em 2022... (ainda temos muitos problemas pela frente), com voto auditável, a gente consiga mudar realmente o Brasil.”

Se votar em Lula, “merece sofrer”

» INGRID SOARES

Apesar de repetir que não se importa com reeleição, o presidente Jair Bolsonaro se mostra incomodado com o fato de o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva estar livre para concorrer ao pleito de 2022. O salvo-conduto ao petista foi garantido com a anulação, no Supremo Tribunal Federal (STF) das condenações contra ele.

Em conversa com apoiadores na saída do Palácio da Alvorada, Bolsonaro voltou a criticar Lula e o STF. “Foi 8 a 3 o placar lá (no julgamento na Corte).

Interprete como quiser. Agora, um povo que, porventura, vote num cara desse é um povo que merece sofrer”, disparou.

Bolsonaro também comentou sobre as indicações para o STF, daqui a dois anos. “As eleições do ano que vem, quem se eleger, indica dois para o Supremo no primeiro trimestre de 2023. Então, se for um cara da minha linha, vão ter quatro que, né... mudam as coisas. Alguns querem que dê um cavalo de pau no Brasil, não dá para dar um cavalo de pau no Brasil”, ressaltou.

O chefe do Planalto voltou a

criticar o lockdown e disse que para resolver a questão teria de apelar para a ditadura, o que não fará. “O povão vai aprendendo devagar, vai se interessando. Muita gente vê o problema imediato, ali, para eu resolver. Só se eu impusesse uma ditadura. A gente não vai fazer isso. Não tem cabimento. Não tem ditadura boa”, emendou.

Ele citou a Venezuela como exemplo de país autoritário e disparou mais críticas ao PT. “Pessoal, estuda aí. A Venezuela, todo mundo sabe como está, né? Só um milagre para voltar ao que era antes. Um país riquíssimo. Vê co-

mo estão os outros países da América do Sul. Quando começam esses regimes autoritários aí... Aquela política...”, afirmou. “Até tem uma passagem bíblica, se não me engano, quando Jesus dividiu o pão. Depois, ele deu uma desaparecinha, né? O povo foi atrás. Foi atrás de Jesus, para quê? Para mais benefícios pessoais. Fizeram a ligação com o PT dando bolsa isso, bolsa aquilo.”

Sobre corrupção no governo, o mandatário reforçou que “pode ser que aconteça”. “Em casa, alguém, às vezes, faz a besteira. Se fizer, a gente corta o pescoço”, enfatizou.